ESPAÇO DO POVO

Brasil | Setembro 2022 | Edição 85 | Ano 12 | Distribuição Gratuita

O Mercado Audiovisual das Favelas

O cotidiano das favelas e periferias do País mostrado a partir das lentes de produtores independentes

Páginas 10 e 11



Foto: André Silva

EDITORIAL

Ano novo, velhos problemas? Só depende de você

Página 02

DIVERSIDADE

Mulheres ainda são minoria em cargos de chefia

Página 03

ARTIGO

Moïse Kabagambe: favela busca resistir

Página 14

SAÚDE

Verão acende o alerta para foco de Dengue e Chikungunya

A prevenção ainda é a melhor alternativa para evitar a contaminação por esses mosquitos

Página 06

MEDICINA

Canabidiol: do Tabu à cura

Com aprovação da Anvisa, Canabidiol (CBD) vem sendo usada para tratar doenças e patologias

Página 07

SUSTENTABILIDADE

Descarte inadequado de óleo chega a 700 milhões de litros por ano

Devido ao descarte incorreto, empresas de saneamento básico enfrentam problemas nas estações de tratamento

Página 20

Ano novo, velhos problemas? Isso só depende de você!

Fotos: Reprodução



2022 será um ano de grandes acontecimentos não só na cultura, que pouco a pouco retoma suas atividades, mas também no esporte e na política, eventos capazes de agitar não só o Brasil, mas o mundo.

Neste mês de fevereiro, estamos acompanhando as olimpíadas de inverno, em Pequim; em novembro, com a Copa do Mundo, os olhos estarão voltados para o Catar, mas não podemos deixar que tais acontecimentos tirem a nossa atenção para algo tão importante e que vai definir o futuro do nosso país: as eleições!

O poder de transformar o Brasil está em nossas mãos por meio de algo que conquistamos há muitos anos: o voto! Como jornalista e líder comunitário na segunda maior comunidade de São Paulo, e expandindo o meu modelo de comunicação para outras favelas do país, busco sempre instigar o pensamento crítico para que as pessoas entendam o seu papel na sociedade e a responsabilidade que carregam.

Deixo aqui uma reflexão: o que você está fazendo para transformar o local em que vive? Não precisa nem ir muito longe, parta da sua casa, do seu trabalho e da comunidade em que vive. O que você faz para transformar uma realidade que não gosta? Trago essa reflexão porque é muito cômodo sentarmos, apontarmos problemas, mas não fazermos nada para mudar.

Este ano, todos nós teremos essa oportunidade. Vivemos em um país democrático e temos o poder de transformação em nossas mãos. Para isso, a informação é o melhor caminho. Se nos educarmos, nos questionarmos e nos unirmos com o objetivo de viver em um país melhor, estaremos mais próximos de viver na comunidade e no país que tanto sonhamos.

O trabalho em conjunto pelo mesmo ideal é o que nos impulsiona em direção à transformação e ao crescimento. Não basta sentar e esperar que as coisas mudem. O esforço de todos é essencial para a construção dessa sociedade. Cada um de nós pode fazer a sua parte e colocar um tijolo na construção de um Brasil melhor.



Joildo Santos
Diretor de Comunicação da Agência Cria Brasil

EXPEDIENTE

DIRETOR
Jornalista Responsável
MTB 67099 SP
joildosantos@paraisopolis.org
@joildo

DIRETORA EXECUTIVA
Francisca Rodrigues
francisca.rodrigues@agenciacriabrasil.com.br
@frankiki_rodrigues

REDAÇÃO
Gabriela Marinho
@eugabi_marinho
gabriela.marinho@agenciacriabrasil.com.br

ESPAÇO DO POVO

Keli Gois
@keligois
keli.gois@agenciacriabrasil.com.br

Talytha Cardoso
@talythacardoso
talytha.cardoso@agenciacriabrasil.com.br

FOTOGRAFIA
Anderson Jorge
@mare_films
André Silva
@andresilva.ag
Luís Maike
@maikehits

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Alex Andrade Edições
aandrade9@gmail.com

Anúncios e contato
11 - 97723-4537

Cria Brasil
Instagram: @criabrasilcomunicacao
Facebook: Agência Cria Brasil

Espaço do Povo
Instagram: @espacodopovo
Facebook: Jornal Espaço do povo
www.espacodopovo.com.br
Rua Itamotinga, 100 | Paraisópolis São Paulo

É uma publicação da Agência Cria Brasil.
Os artigos publicados não representam necessariamente a opinião do jornal

DIVERSIDADE

Mulheres ainda são minoria em cargos de chefia

Levantamento do Global Gender Gap Report aponta, ainda, que diferença salarial levaria 267 anos para ser equiparada ao dos homens

Por Keli Gois

A inserção da mulher no mercado de trabalho ainda é um problema no Brasil e esse cenário é ainda mais injusto quando o valor pago pela mesma função, desempenhada por homens e mulheres, é diferente. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) revela que as mulheres ganham até 23% menos que os homens. Outro dado chocante é o tempo que elas levarão para conseguir a equiparação salarial com os homens, que segundo o Global Gender Gap Report de 2021, é de 267 anos, atuando nas mesmas funções e tarefas.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2019, a população brasileira é composta por 48,2% de homens e 51,8% de mulheres e, diante de dados como esses, uma conta não fecha: se existem mais mulheres que homens, por que elas ainda são minoria no mercado de trabalho?

São reflexões como essa que Liliane Rocha, CEO e fundadora da Gestão Kairós - consultoria de sustentação e diversidade, leva às empresas para promover a inclusão de mulheres, negros e pessoas trans no mercado de trabalho. "A partir dessa geração de conhecimento e entendimento — já que muitos dizem não se dar conta de que há esse destoamento tão grande entre a sociedade brasileira e o quadro funcional de suas empresas — as pessoas entendem essa necessidade, e podemos falar da inserção e promoção de mulheres", explica Liliane.

A partir do entendimento dessa distância que há entre homens e mulheres no quadro funcional na liderança e nos salários, a empresa, a sociedade ou o poder público, podem trabalhar ações afirmativas focadas na redução dessa desigualdade. É possível, segundo ela, gerar programas ou iniciativas nas quais haja esse comprometimento na empresa. "Não se faz um país mais justo só com a metade da sociedade. Nós só construímos um país potente, desenvolvido e competitivo, trazendo toda a sociedade brasileira. Nós estamos falando de igualdade, equilíbrio e equidade. Isso é fundamental", finaliza.

Foto: Reprodução



Mulheres ganham até 23% menos que os homens, segundo dados do IBGE

Para amplificar as vozes das mulheres na busca por autonomia econômico-financeira, a Rede Mulher Empreendedora (RME), primeira rede de apoio a empreendedoras do Brasil, tem buscado fomentar o empreendedorismo, a empregabilidade e a inserção de mais mulheres na carreira de tecnologia. A rede oferece diversos programas para apoiar aquelas que estão em busca do emprego formal por meio da capacitação, simulações e acesso a plataformas com oportunidades de emprego. "Acreditamos que uma mulher com autonomia econômica, dona do seu dinheiro, da sua vida e de suas decisões, gera ainda um impacto social na família, na educação dos filhos e na comunidade onde vive. ", afirma Ana Fontes, fundadora da Rede Mulher Empreendedora.

Segundo Ana, mudar este panorama de desigualdade de gênero é um trabalho árduo e de longo prazo. "Precisamos, antes de tudo, entender as desigualdades históricas e construir uma jornada social mais justa e mais inclusiva, que não trate a maioria da população como se fosse um ser humano de segunda classe", explica.

Dados do Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA) 2015, revelam que 63% dos domicílios abaixo da linha de pobreza são chefiados por mulheres, que representam a faixa mais baixa de renda. A pandemia trouxe novos agravantes a este cenário da pobreza dos lares comandados por elas. Em 2021, a taxa de desemprego brasileira atingiu o recorde de 14,7% (14,8 milhões de pessoas), de acordo com o IBGE. Comparada entre homens e mulheres, a taxa de desemprego feminino (17,9%) foi maior que a masculina (12,2%). Ou seja, as mulheres que já representam boa parte do sustento das famílias brasileiras, são as mais pobres e ainda têm de enfrentar um cenário de maior desemprego.

Rejane Santos, CEO do Emprega Comunidades, conhecido como LinkedIn da Favela, vem trabalhando para promover a inclusão do público feminino no mercado de trabalho, a começar por sua própria empresa: dos seus 17 funcionários, 16 são mulheres. "As empresas têm uma responsabilidade não só financeira, mas também social com o país. O sexo e a maternidade não podem ser um indicativo negativo na empregabilidade. "

Segundo Rejane, além de capacitar essas mulheres e conectá-las com as empresas, é necessário trabalhar também o empoderamento, para elas terem um diferencial ao entrar no mercado de trabalho. "O que nós temos feito é a conexão com as empresas para mostrar todo o processo de formação e preparo das candidatas para as vagas para que as empresas entendam o potencial de crescimento dessas mulheres. Nós trabalhamos também a questão de empoderamento, do compromisso e da responsabilidade para que elas tenham um diferencial no mercado de trabalho. ", finaliza.

G10 Favelas inaugura Escritório de Negócios em Betim - MG

Fotos: Agência Cria Brasil



Cerimônia de Inauguração do Pavilhão Social do G10 Favelas em Betim - MG

O G10 Favelas inaugurou, no dia 10 de fevereiro, o Pavilhão Social do G10 Favelas HUB Acelerador de Negócios — Minas Gerais. O espaço vai atender a comunidade com diversas iniciativas de impacto social que tiveram início em Paraisópolis, São Paulo, como o Emprega Comunidades, que conecta empresas e candidatos da favela; o Costurando Sonhos Brasil, que leva formação na área de corte e costura para mulheres; o Mãos de Maria, que oferece cursos de gastronomia para mulheres, e a Agro Favela Refazenda, que promove oficinas para o plantio de hortaliças e o Sebrae Aqui, que vai prestar atendimento à população mineira.

O modelo, criado pelo G10 Favelas, voltado para o empreendedorismo nas favelas, tem se tornado referência como uma iniciativa que fortalece a economia colaborativa e tem apoiado empreendedores de impacto social nas favelas para incentivar o empreendedorismo e impulsionar a economia das comunidades com foco na capacitação e geração de renda.

A inauguração contou com a presença do presidente do G10 Favelas, Gilson Rodrigues, o Coordenador Estadual do G10 Favelas-MG, Kenedy Alessandro, da Vice-Prefeita de Betim, Cleusa Lara, e outras lideranças nacionais do G10 Favelas, que acompanharam também a entrega de quinhentas cestas básicas para as famílias em situação de vulnerabilidade social da favela do Jd. Teresópolis.

"É uma alegria estar aqui e realizar esse sonho. É um sonho inacreditável, de pessoas improváveis. Aqueles sonhos que você duvida de que vai acontecer. Na verdade, nós acreditamos, mas somos direcionados e indicados a não acreditar e, por vezes, não acreditar em nós mesmos. Mas o G10 Favelas vem para provar que a favela é potência, e a melhor forma de avançarmos ainda mais é criar opções para que as pessoas possam empreender e transformar as suas realidades.", se orgulha Gilson.



Pavilhão Social do G10 Favelas de Betim vai atender a comunidade com diversas iniciativas de impacto social.

O G10 HUB está instalado na antiga creche da Tia Dulce, no bairro de Jardim Teresópolis, em Betim, e passou por reformas criando um ambiente mais amplo e moderno. As melhorias contaram com a participação dos alunos de arquitetura da universidade UNA Betim, que desenvolveram o projeto 3D, e a reforma foi financiada pelo fundo de desenvolvimento do G10 Favelas.



Inaguração contou com a presença de lideranças comunitárias do G10 Favelas de diferentes partes do Brasil

INSS: Governo Federal acaba com a exigência de prova de vida presencial para aposentados

O governo federal anunciou, em fevereiro, o fim da exigência de prova de vida presencial para aposentados, pensionistas e outros beneficiários do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). A partir de agora, as pessoas não precisarão comparecer aos bancos para provar que estão vivas. A prova de vida será feita pelo cruzamento de informações de bases de dados públicas, federais, estaduais e municipais, e a presença física será opcional.

As novas regras já estão válidas, mas o INSS terá até 31 de dezembro para concluir a implementação. Até essa data, o bloqueio do pagamento de benefícios por falta de comprovação de vida está suspenso.

Caso não seja comprovada nenhuma movimentação da pessoa ao longo do ano no sistema de atendimento do SUS, vacinação ou órgãos de trânsito, por exemplo, a pessoa poderá ser notificada no mês que antecede o aniversário para fazer a comprovação de prova de vida de forma eletrônica.

Serão aceitos como prova de vida: acesso ao aplicativo meu INSS e outros sistemas públicos; prova de atendimento no SUS; comprovação de vacinação; emissão ou renovação de passaporte, carteira de motorista, RG; votação nas eleições; atualização do Cadastro Único (CAD); declaração do imposto de renda, entre outros.

ECONOMIA

Comércios na favela crescem durante a pandemia

Novo normal gerou oportunidades de aquecer o empreendedorismo na periferia

Por Talytha Cardoso



Foto: André Silva / Agência Cria Brasil

Poder de consumo das favelas atinge mais de 159 bilhões de reais por ano.

Empregos estáveis e comércio a todo vapor era a meta financeira para muitas famílias. Mas devido à pandemia, os sonhos ruíram como um castelo de areia, forçando-as a mudarem drasticamente a economia familiar. A vida de muitas pessoas mudou durante a pandemia, a rotina de ter um trabalho estável era algo normal antes do pesadelo que já dura quase dois anos.

Quem nem poderia imaginar ficar sem a segurança de um trabalho fixo, se viu obrigado a se reinventar no mercado de trabalho e torcer para não estar incluído no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Só no primeiro semestre do ano passado, o desemprego no Brasil já passava dos 15,2 milhões, sendo em média 452 mil pessoas em situação de desocupação, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Assim era a vida da Claudia Regina de Silvério, 50 anos, que vive em Paraisópolis há 8 anos. Antes de ter seu próprio comércio, vendia bolos e salgados de porta em porta. Hoje, comemora, mesmo que com muita luta, sua nova vida como empreendedora. Sua mini padaria, pode atender parte de alguns moradores da segunda maior favela de São Paulo, Paraisópolis. Seus bolos de potes e salgados antes vendidos na rua, hoje estão expostos na vitrine.

Observando a necessidade de vender mais que pães e bolos, Claudia expandiu parte do negócio com produtos de primeira necessidade, como produtos de limpeza, cafés e outros alimentos que conseguem suprir o dia a dia das donas de casa da comunidade.

A rotina de empreender na selva de pedra, também faz parte da realidade do Edijavan Luiz da Silva, 34 anos, conhecido como Java, sendo hoje empresário do ramo de alimentação e bebidas, ele vê como um desafio gerir a própria empresa. Antes de ter seu comércio, o aconchegante e conceituado Java's gin Bar, especializado em coquetéis, trabalhava como maitre de uma conceituada churrascaria de São Paulo. Chegou até fazer sociedade com ex-funcionários do grupo da mesma empresa onde trabalhava, ficando por dois anos como sócio, mas decidiu sair de lá para atender outros clientes com prestação de consultorias e treinamento de equipe.

Pouco tempo depois, já estava engatado para voltar ao grupo da churrascaria onde era sócio e maitre, mas devido às incertezas da pandemia que surgiram no meio do caminho, decidiu ser seu próprio patrão. Apesar do seu negócio estar recentemente atendendo os moradores de Paraisópolis, ele se vê realizado fazendo o que gosta, empreendendo não apenas seu comércio, mas aprendendo com os desafios de ter funcionários e toda a rotina que o empreendedor vive no dia a dia. Sua esperança é fazer com que seu negócio cresça mesmo em meio a pandemia, que ainda não passou.

Segundo pesquisa do Outdoor Social, o poder de consumo das favelas juntas atinge mais de 159 bilhões de reais por ano. Apesar de muito a ser feito para arrefecer o mercado, o sonho de Cláudia é o de muitas mulheres que buscam a independência financeira.

No período de pandemia, muitas mulheres alçaram voos mais altos, se tornando empreendedoras. Segundo dados da Rede Mulher Empreendedora, o crescimento só no ano de 2020 foi de 40% de mulheres inseridas no mercado empreendedor, esses dados coadunam com o estudo feito pela Global Entrepreneurship Monitor, que apontou, até o momento, em média, 30 milhões de mulheres de negócios no Brasil.

Atuante há 16 anos em Paraisópolis, a AMP (Associação de Mulheres de Paraisópolis), presidida pela líder comunitária Flávia Rodrigues, oferece oficinas, palestras e ações que visam empoderar a mulher da periferia a traçar seu próprio caminho por meio dessas atividades. Só no ano passado, em média cinco mil mulheres foram alcançadas pela associação, que hoje atua no Pavilhão Social do G10 Favelas.

Verão acende o alerta para foco de Dengue e Chikungunya

A prevenção ainda é a melhor alternativa para evitar a contaminação por esses mosquitos

Por Talytha Cardoso

Todo mundo gosta da época de verão, é nela que a diversão é garantida. Os banhos de praia ou até mesmo nas piscinas no quintal de casa estão dentro do cronograma das atividades da criançada. Se não fosse por um detalhe que acaba por atrapalhar esse divertido momento.

Nesse mesmo período de muita piscina, praia, também vem os dias típicos do verão: as chuvas, e são nelas que o perigo pode estar rondando as famílias. Silencioso, os mosquitos aproveitam as brechas de poças de águas paradas, caixas d'águas abertas, vasos de plantas empossados voando e botando seus ovos e transmitindo doenças para a população.

Esse terror de asas é o mosquitos da dengue (Aedes Aegypti), com sua cor preta misturada em pontinhos brancos, eles trazem muitos prejuízos à saúde, e com ele, a chikungunya e a febre amarela, que mudam drasticamente a vida de quem contraiu a doença pela picada desses insetos.

O radialista Marco Antônio Nascimento, 44, teve complicações ao contrair chikungunya há 7 meses, o tratamento não foi fácil, os medicamentos prescritos por médicos apenas serviram como paliativos. Até hoje, Marco sente dores nas articulações e outras sequelas da doença.

Devido ao diagnóstico, ficou cinco dias em casa sobre tratamento a base de dipirona, anti alérgicos e muito repouso. Segundo ele, quando chegou ao pronto-socorro, havia mais outras oito pessoas com a mesma doença. Ele relata que as dores, quase insuportáveis, nas articulações é a pior fase da doença, e não davam sossego em nenhum momento.

Segundo dados da Secretaria Estadual de Saúde, só em São Paulo, foram registrados mais de dois mil casos apenas em janeiro deste ano. Em 2021, foram registrados mais de 140 mil casos confirmados de dengue, tendo um total de 66 mortes pela doença, a letalidade foi baixa devido ao tratamento precoce assim que os sintomas surgiram. Mas é necessário ficarmos atentos com ambientes que possam servir de foco para esses mosquitos.

Foto: Reprodução



Só em São Paulo, foram registrados mais de dois mil casos apenas em janeiro deste ano

Entenda os sintomas

Dengue:

A infecção por dengue pode ser assintomática, leve ou causar doença grave, levando à morte. Normalmente, a primeira manifestação da dengue é a febre alta (39° a 40°C), de início abrupto, que geralmente dura de 2 a 7 dias, acompanhada de dor de cabeça, dores no corpo e articulações, prostração, fraqueza, dor atrás dos olhos, erupção e coceira na pele. Perda de peso, náuseas e vômitos são comuns.

Na fase febril inicial da doença, pode ser difícil diferenciá-la. A forma grave da doença inclui dor abdominal intensa e contínua, vômitos persistentes, sangramento de mucosas, entre outros sintomas. Ao apresentar os sintomas, é importante procurar um serviço de saúde.

Chikungunya:

Os principais sintomas são febre alta de início rápido, dores intensas nas articulações dos pés e mãos, além de dedos, tornozelos e pulsos. Pode ocorrer ainda dor de cabeça, dores nos músculos e manchas vermelhas na pele. Não é possível ter chikungunya mais de uma vez.

Depois de infectada, a pessoa fica imune pelo resto da vida. Os sintomas se iniciam entre dois e doze dias após a picada do mosquito. O mosquito adquire o vírus CHIKV ao picar uma pessoa infectada, durante o período em que o vírus está presente no organismo infectado. Cerca de 30% dos casos não apresentam sintomas.

Zika - também é transmitido pelo Aedes Aegypti:

Cerca de 80% das pessoas infectadas pelo vírus zika não desenvolvem manifestações clínicas. Os principais sintomas são dor de cabeça, febre baixa, dores leves nas articulações, manchas vermelhas na pele, coceira e vermelhidão nos olhos.

Outros sintomas menos frequentes são inchaço no corpo, dor de garganta, tosse e vômitos. Geralmente, a evolução da doença é benigna e os sintomas desaparecem espontaneamente após 3 a 7 dias. No entanto, a dor nas articulações pode persistir por cerca de um mês.

Formas graves e atípicas são raras, mas quando ocorrem podem, excepcionalmente, evoluir para óbito, como identificado no mês de novembro de 2015, pela primeira vez na história. Observe o aparecimento de sinais e sintomas de infecção por vírus zika e busque um serviço de saúde para atendimento, caso necessário.

Caso tenha sentido algum dos sintomas citados acima, procure imediatamente uma unidade básica de saúde. Quanto mais rápido for o tratamento, maior a oportunidade de cura.

DIREITOS HUMANOS

Favela busca resistir: Moïse Kabagambe

Por Charlie Gomes

Era manhã de sábado. Enquanto buscava me reerguer do COVID-19 e sobreviver, eu assistia aquele doloroso vídeo de espancamento e covardia. Fiz uma breve viagem para São Paulo. E na estrada do destino, notícias narram que uma das vozes de crítica social na língua, faleceu. Dizia ela: "carnificina humana, com alusão ao alimento da proteína mais cara, a negra".

E não é que essa arte musical teria razão?! Atualmente, o produto carne é o mais caro do Brasil, e a vida humana da cor escura, é quem mais tenta resistir ao fôlego da vida. Respira e expira. Acredito que não deu, essa máscara da vida desigual, estrutural e racial, não permitiu.

Falta amor no social e bandeira de paz. Assistimos chacinas sangrentas nas favelas cariocas com frequência, porque o estado entra, humilha, devasta e oprime. O tratamento é diferente para quem vem do gueto.

O relato da periferia incomoda, afinal, uma abordagem é pensada no estereótipo. E o que tudo indica e mostra: essa tal periferia é vista para curral eleitoral, assim que somos vistos e requeridos. Talvez, pintar a fachada de casas com tijolos expostos, resolva a situação e amenize o nosso cotidiano.

Falar de Moïse é relembrar de casos e frutos do "acaso", um jovem alegre e pessoa pura. Por isso, decidi acompanhar a manifestação do sábado, 6 de fevereiro, que reuniu familiares, amigos e todos aqueles que, assim como eu, se indignaram com a violência contra o jovem que cobrava apenas seus direitos.



A comunidade congolesa pulou, gritou e se expressou através das artes cênicas

A comunidade congolesa pulou, gritou e se expressou através das artes cênicas. E num alto e bom som, bradou: "Tropicália assassina, Tropicália, assassina. Resistência, Resistência!" Menção ao quiosque onde ocorreu o assassinato.

Esse é mais um retrato da favela que não venceu, nem vencerá. Mas busca cada dia seu lugar. Uma história que relembra uma canção do rap, o homem que não tinha nada. Mas, dessa vez, não foi uma música de alerta, mas sim, notícia de choro e socorro.

Após a manifestação, encontrei uma vendedora ambulante que não quis se identificar por medo de feminicídio de um ex-namorado. Essa mesma senhora relatou que o jovem de 24 anos tinha uma pureza e vivia sorrindo. Mesmo sem saber que debochavam do seu sotaque congolês e o chamavam de macaco, além de tratá-lo como um verdadeiro escravo.

Com os olhos cheios de lágrimas, disse: "Eu o conheci. Ele era que nem uma criança, pessoa alegre sorridente. Isso que estão falando que era maconheiro, é mentira. Não fumava nem cigarro. Não tinha vício, bebia uma cervejinha porque o ensinaram a beber, mas não era alcoólatra. Houve preconceito sim, eles o chamando de macaco porque era congolês.

Ainda de acordo com a ambulante, Moïse falava sorrindo e brincando, era que nem uma criança, não tinha maldade. Maldade tem deles, agora querem rotular, colocar como marginal, e maconheiro. Então vão matar todos os maconheiros do mundo? Isso quer dizer que se você é um usuário tem que morrer a paulada? Justifica? Não justifica o que fizeram, cometeram um crime e eles têm que pagar, é o que eu acho."

Fotos: Charlie Gomes / Agência Cria Brasil



Yvone Lay, mãe do Moïse sentada no chão do trio elétrico com buquê de flores. Na direita, Djodjo Kabagambe, irmão.



Charlie Gomes
Cria da favela Rocinha, é locutor e estudante de jornalismo. Atua em diversos projetos sociais na comunidade e é proprietário do jornal comunitário @rocinhacomunic.

Favela Brasil Xpress ultrapassa meio milhão de entregas em todo o Brasil

Startup de logística criada em Paraisópolis possui bases em mais seis favelas do país

Fotos: Charlie Gomes / Agência Cria Brasil



Yvone Lay, mãe do Moïse sentada no chão do trio elétrico com buquê de flores. Na direita, Djodjo Kabagambe, irmão.

Prestes a completar seu primeiro ano, a Favela Brasil Xpress já atingiu sua marca de mais de 500 mil entregas em todo o Brasil. A startup de logística, criada pelo jovem empreendedor de Paraisópolis, Giva Pereira, 21, tem colocado o CEP das favelas do país no mapa do e-commerce brasileiro, somando cerca de 270 milhões em valor de mercadorias entregues.

Pensada para solucionar um problema de logística dentro de Paraisópolis e outras favelas do Brasil, onde Correios e transportadoras contratadas pelas empresas de e-commerce não entram, a Favela Brasil Xpress tem gerado renda e emprego em Paraisópolis e em outras comunidades, já que o time de aproximadamente 200 colaboradores é formado por moradores locais.



Durante a Black Friday, foram realizadas 16 mil entregas, somando mais de 7 milhões de valor em mercadoria

No início da operação, em abril de 2021, a média diária de entregas era de 200 pacotes, e apenas no dia 27 de novembro, período de maior pico de vendas da Black Friday, foram realizadas 16 mil entregas, somando mais de 7 milhões de valor em mercadorias. Mesmo após a Black Friday, o movimento não parou de crescer nos centros de distribuição das favelas.

Diante de todo o potencial representado, um outro marco para a Favela Brasil Xpress foi a inserção da empresa na "Bolsa de Valores da Favela", lançada pelo G10 Favelas, em novembro de 2021, com a parceria da DIVI-HUB. O IPOs das favelas permite que empresários possam investir em negócios promissores privados dentro das favelas de todo o Brasil.

O investimento pode ser feito na plataforma por meio da compra de DIVIs, a partir de R$10 e que traz formas de remuneração para o investidor, como uma fatia das receitas ou dos lucros. No futuro, o dono dos DIVIs também poderá negociar seus ativos com outros investidores quando quiser e ao preço que estipular, abrindo também outra frente de ganhos financeiros.

Para investir, é só acessar a plataforma pelo https://divihub.com/projeto-favela-brasil-xpress ou baixar o app da Divi-hub.

ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES DE PARAISÓPOLIS (AMP), pessoa jurídica inscrita no CNPJ sob o nº 13.690.198/0001-24

Sede: Rua Itamotinga, 100, Paraisópolis – São Paulo (SP)

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL DE ELEIÇÃO

Na forma dos artigos 24, I e 26, 27, II, parágrafos 1º e 2º, do estatuto social da ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES DE PARAISÓPOLIS (AMP), a diretoria da Entidade CONVOCA todas as associadas a participar da assembleia geral, que será realizada no dia 15 de setembro de 2022, às 9:00 horas, na sede da Entidade, situada à Rua Itamotinga, 100 – CEP 05706-320 – paraisópolis – na Cidade de São Paulo (SP), para em conformidade com o artigo 25 do estatuto, discutir e deliberar sobre a seguinte ordem do dia:

1) Alteração do estatuto social para ampliação das finalidades da Entidade, especialmente nas questões relacionadas ao público jovem, bem como para adequá-lo aos termos da Lei 13.019/2014.
2) Outros assuntos.

Data da Assembléia: 15/09/2022.

Horário: 09:00 hs, ou 09:15 hs em segunda chamada

Local: Sede da AMP, situada à Rua Itamotinga, nº 100, Paraisópolis (pavilhão social), São Paulo-SP

São Paulo (SP), 17 de agosto de 2022.

Flávia Campos Rodrigues, presidente da Diretoria da Associação das Mulheres de Paraisópolis.

GASTRONOMIA

Chubibas: peixe, cerveja e música ao vivo

Por Mônica Rydlewski

Em andanças por Paraisópolis em busca de um sabor diferente, cheguei, por indicação de amigos de trabalho, ao Chubibas, um bar com música ao vivo localizado na Avenida Hebe Camargo. A casa tem oito anos de funcionamento e estrategicamente já atravessou a rua com outra unidade que atende por um nome diferente.

Confesso que quando entrei, não fiquei muito entusiasmada, mas levei em conta ter chegado logo que a casa abriu. O ambiente é simples, possui dois andares, bem arejados, com uma parede verde que serve de cenário para a música ao vivo que rola aos finais de semana e feriados. Durante a semana, a música é ambiente, voltada para quem gosta de um bom sertanejo.

Curti a diversidade das cervejas, mas confesso que senti falta de opções de 600 ml para quem pretende ficar curtindo o som e busca a melhor relação custo-benefício, mas segundo o gerente, Guga, há a possibilidade em voltar a servir. Hoje, servem long neck e latinha, e o bar conta ainda com drinks especiais, refrigerantes e sucos.

Descobri o porquê os que já conhecem o bar e restaurante o chamam de bar do peixe. Experimentei o carro chefe da casa, uma Tilápia, feita inteira, com um tempero delicioso e bem sequinha, acompanhada de baião de dois e macarrão.

Pedimos também iscas de frango, que vieram empanadas acompanhadas com maionese e molho de pimenta.

Fotos: Acervo pessoal



Carro chefe da casa: Tilápia, feita inteira, com um tempero delicioso e bem sequinha, acompanhada de baião de dois e macarrão.

As porções são generosas, servem bem duas pessoas. E os preços são bem honestos, o que leva famílias inteiras no final de semana para curtir a música e se deliciar com o peixe.

Serviço:
Endereço: Av. Hebe Camargo, 14
Horário de Funcionamento: todos os dias das 11h30 às 0:00
Delivery:
(11) 98173-1149

DA MINHA COZINHA PARA A SUA

Chakala: uma explosão de cores, aromas, sabores e saberes!



A cozinha africana é conhecida pela mistura de cores, sabores e pelos condimentos que, juntos, formam um sabor inigualável.

Direto de Joanesburgo - África do Sul, terra de Nelson Mandela, uma grande referência e inspiração na luta contra o Apartheid, contra a segregação racial e qualquer forma de discriminação, trago a vocês o Chakala, uma comida com a qual Madiba costumava acompanhar seu prato favorito, o Bobotie (que trarei em outra edição).

A cozinha africana é conhecida pela mistura de cores, sabores e pelos condimentos que, juntos e misturados, formam um sabor inigualável e um aroma que perfuma todo o ambiente.

Vamos à receita?

Você vai precisar de:

1 pimentão vermelho, 1 verde e 1 amarelo (picados em quadradinhos pequenos – Brunoise);

2 cebolas médias (com o mesmo corte do pimentão);

2 dentes de alho amassadinhos;

3 cenouras grandes raladas (na parte grossa do ralador);

2 pimentas dedo de moça em fatias fininhas (Juliene) sem sementes para não ficar ardido demais;

400 grs de feijão cozido "al dente" – bem firme;

O segredo: 1 colher de chá bem generosa dos seguintes aromáticos / condimentos:

Páprica doce ou defumada, canela em pó, cravo em pó e colorau

2 colheres de chá de gengibre ralado;

1 colher de sobremesa de curry;

50 ml de azeite ou óleo de sua preferência;

Sal q.b. (quanto baste);

Modo de fazer:

Já deixe o feijão cozido para finalizar o prato. Em uma panela, coloque o alho para refogar no óleo. Depois de ligeiramente dourados, coloque as cebolas e os pimentões (pode colocar junto, pois a textura dos dois é similar e aceita o mesmo tempo de cozimento). Não deixe ficar mole!

Acrescente todos os aromáticos e o sal, misture bem e junte as cenouras raladas. Refogue tudo até que fique al dente. Apague o fogo e misture os grãos de feijão sem o caldo. Se achar que ficou muito seco, utilize uma ou duas conchas para umedecer.

O prato pode ser servido quente ou frio e você pode abusar das formas de servir.

Pode ser com pão sírio ou o de sua preferência, com nachos (aquele salgadinho do pacotinho vermelho que começa dom D) ou ainda com arroz.

Se for servir frio, acrescente um pouco de vinagre para dar uma acidez.

Recomendo experimentar.



Mônica Rydlewski
Bailarina, produtora de eventos, atua em Paraisópolis há 11 anos. Hoje, além de colunista do Jornal Espaço do Povo e de criadora de conteúdo na Agência Cria Brasil Comunicação, a chefe de cozinha desenvolve diversas atividades voltadas à gastronomia dentro da comunidade.

O Mercado Audiovisual das Favelas

O cotidiano das favelas e periferias do País mostrado a partir das lentes de produtores independentes

Por Gabriela Marinho

As produtoras independentes das favelas mostram o outro olhar de quem está nas comunidades e, apesar das baixas perspectivas do mercado audiovisual, estão driblando as dificuldades. Com poucos recursos, orçamentos e sem auxílio financeiro governamental, essas produções vêm alcançando festivais internacionais.

Como no caso da Quebrada Produções, da empreendedora Renata Alves, que atua em Paraisópolis, segunda maior favela de São Paulo, e teve seu filme "Mas eu não sou alguém?" indicado para os festivais internacionais Montreal Independent Film Festival e New York Independent Cinema Awards. O filme também foi o ganhador de duas categorias no São Paulo Film Festival: Melhor filme narrativo e Melhor filme segundo a audiência!

Renata conta que sempre foi muito procurada por grandes produtores para gravarem na favela, e como ela conhecia tudo e todos, sempre conseguia articular para que o trabalho acontecesse, organizando a pre produção, desde arranjar o espaço para locação, os personagens e suas histórias, até acompanhar a equipe.

Porém, a história de quem vive na favela era sempre retratada por atores profissionais, mas que nem sempre representavam o morador e foi a partir disso que Renata viu que ninguém melhor para contar a história da comunidade do que seus próprios moradores. Ela resolveu investir nesse mercado e criou sua própria produtora, a Quebrada Produções.

Para Renata, um dos seus grandes desafios foi se ver como empreendedora e ter que se reafirmar como uma produtora qualificada quanto às outras, independente de estar na favela. Atualmente a Quebrada Produções tem notoriedade por produzir grandes obras, mas foi preciso vencer os desafios do mercado audiovisual, que muitas vezes sucateia o trabalho de pequenos produtores, principalmente os de periferia.

Foto: Reprodução



Quebrada Produções durante gravações na comunidade de Paraisópolis.

Quando questionada sobre como se imagina daqui a dez anos, Renata diz "me imagino levando meu trabalho para fora, de maneira que realmente tenha retorno para as produtoras de favelas e que esses espaços sejam abertos e reconhecidos. E já comecei a trilhar esse caminho com o curta 'Mas eu não sou alguém?'."

Foto: Luis Maike



O produtor Marcelo Galvão durante gravação de clipe do grupo "Louvo No Flow".

O baiano Marcelo Galvão de 28 anos, dono da Galvão Filmes, conta que veio para São Paulo aos 15 anos em busca de uma oportunidade profissional. Foi durante a gravação do filme Cidade de Plástico, em Paraisópolis, que despertou seu interesse pela área. Ele se encantou pela forma como eram feitas as cenas, pelo set de gravação, por todo o trabalho e todo aquele universo cinematográfico. E foi assim que decidiu querer seguir no audiovisual, mas dos 16 aos 20 anos, quis o destino que ele trilhasse outros caminhos antes de realizar seu sonho. Marcelo Galvão, que já havia se tornado pai, trabalhou em outras áreas como açougueiro, entregador de gás e também piscineiro. E como a formação em cinema era bastante acirrada e cara, Marcelo priorizou outras necessidades daquele momento. E ao fazer um curso de audiovisual de noções básicas, pela ONG Bovespa, em Paraisópolis, viu a oportunidade de seguir a carreira tão desejada. Foi nesse curso que ele soube do Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias, se inscreveu, passou no processo seletivo e conseguiu realizar seu sonho de ter uma formação na área de audiovisual.

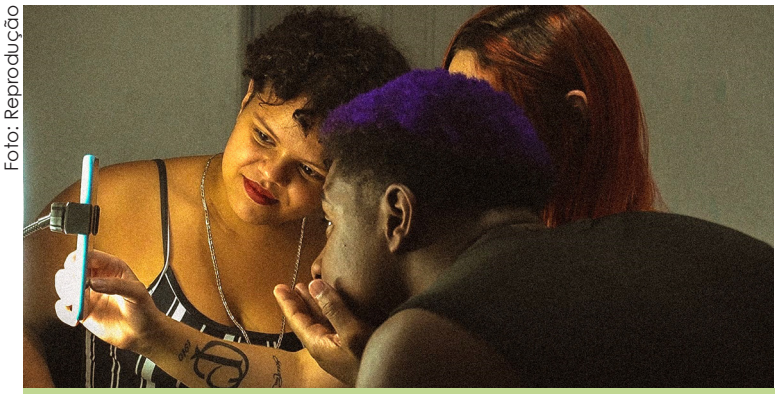
Após a formação, Galvão começou a produzir clipes para amigos músicos e MCs e, a partir dessa experiência, surgiu a ideia de ter a sua própria produtora. E atualmente, a Galvão Filmes atende cerca de dez artistas da favela. O produtor conta que além da produtora, ele também faz serviços de freelancer de audiovisual para grandes empresas como Honda e Nike, mas o seu objetivo é trabalhar apenas com a sua produtora, criando 'videoclipes' musicais e continuar produzindo para artistas da favela, para terem oportunidade assim como ele um dia teve.

"Meu sonho é ver minha produtora bombar e eu ajudar todo mundo que está perto de mim. Meu sonho é viver da música e da arte."

A produtora Josiane Paixão, de 24 anos, é formada em Relações Públicas e integra o coletivo de audiovisual Quilombart, de Paraisópolis, cujo objetivo é construir novas narrativas sobre as pessoas que vivem na favela. Ela conta que a ideia do coletivo é fazer com que o morador da favela se sinta representado de fato nas cenas, um descontentamento bastante frequente de quem vive em comunidade e vê histórias de vida em comum sendo retratadas em grandes produções. Por isso surgiu a necessidade de produzir conteúdos da periferia (a arte periférica) para a periferia. Em 2021, o coletivo criou uma série

CULTURA

Foto: Reprodução



Bastidores do Coletivo Quilombarte, durante gravação de "Five-Lados".

documental chamada "Five-Lados", que conta a história de cinco moradores da comunidade Paraisópolis, em São Paulo.

E para o Quilombarte, o ano de 2022, já iniciou com novos projetos. O coletivo está com uma nova produção, "A Blogueira da Favela", curta metragem que contará a história de uma personagem fictícia da comunidade. O filme, que terá como protagonista a mulher negra e moradora da favela, irá retratar o cotidiano da personagem viralizado na internet.

Com as filmagens já marcadas para fevereiro de 2022, Josiane conta que além do desafio de levar informações para mais pessoas, documentar a história de quem vive na favela, existem também os desafios estruturais, relacionados às situações econômicas e sociais das comunidades. Ela também fala sobre as expectativas, como produtora independente.

"Eu acredito que seria mais forte e com a presença maior em outras comunidades, ter uma atuação expandida não só aqui para Paraisópolis, mas para outras comunidades para que a gente possa dar ainda mais voz para essas pessoas com trajetórias de luta, que vivem aqui e muitas vezes são esquecidas pelo poder público. E, além disso, trazer e fortalecer ainda mais o de espaços públicos", afirma Josiane.

Luis Maike, de 28 anos, da ADR Produções, também morador de Paraisópolis, conta que a ideia de criar a ADR Produções surgiu da vontade de realizar sonhos de pequenos artistas que tinham pouco investimento para seus 'videoclipes'.

Formado em cinema, Maike é músico independente e conhece bem a realidade de quem deseja se lançar no mercado. "Sempre tive que tirar do meu próprio bolso para produzir uma música autoral e, em vários locais, uma simples produção musical, pode custar até 5 mil reais e um videoclipe, até 10 mil reais. Para dar oportunidade para músicos da comunidade, Maike conta que chegou a reduzir os valores cobrados e até fez produções musicais e videoclipes de graça.

Foto: Reprodução



Luís Maike durante captação de cenas para o videoclipe "Favela Resiste"

Trabalhar com o propósito de contribuir com artistas de baixa renda foi uma das vantagens da ADR Produções durante a pandemia. "Por conta de conseguir me virar em projetos praticamente sem dinheiro e por não cobrar valores exorbitantes dos artistas, eu não tive tanto impacto pela pandemia. Acredito que quem sofreu mesmo foram as empresas grandes", conta Luis Maike.

Para ele, um dos maiores desafios por ser da favela é a oportunidade de encontrar investidores para os artistas em lançamento. "Não crio expectativas com o futuro, mas acredito que vou estar bem posicionado no mercado, trabalhando com artistas renomados e artistas independentes, oferecendo a mesma qualidade de mercado para ambas as partes, sem desigualdade", comenta.

Foto: Reprodução



Maior desafio é a aquisição de equipamentos para entrar no mercado e disputar igualmente com grandes produtoras.

Já para Anderson Jorge, de 41 anos, da Maré Filmes, o maior desafio é a aquisição de equipamentos para entrar no mercado e disputar igualmente com produtoras maiores. Anderson criou a Maré Filmes inspirado na ideia de ver uma pessoa assistindo e se emocionando com a mensagem do vídeo produzido por ele. Ele resolveu iniciar com sua produtora a partir de vídeos de seu filho, que ele mesmo produziu, desde o nascimento até os primeiros anos de vida, e divulgou nas suas redes sociais. "Comecei a receber elogios, alguns comentários de incentivos e o famoso "Like" nos vídeos. Não deu outra, comecei a estudar e levar a sério, então percebi ter me encontrado na profissão". Conta Anderson.

Atualmente, a Maré Filmes trabalha com projetos voltados para MCs, rappers e músicos independentes, mas com a chegada da pandemia, e a impossibilidade de gravar videoclipes e da realização de eventos presenciais, Anderson viu uma nova oportunidade no mundo dos games. "Na pandemia só trabalhei com edição de games devido ser tudo on-line", afirma o videomaker.

Anderson revela ainda que pretende levar seu conhecimento adiante e criar um projeto, com sua produtora, voltado para crianças, para que, quem se interessar pela área, tenha a oportunidade de seguir carreira. Ele fala que trabalhar com criança é mais fácil para aguçar a criatividade e o interesse. "No mundo digital, tudo depende do vídeo, se o cara quer ser um gamer, ele precisa editar vídeo, se ele quer ser youtuber, precisa editar vídeo. Meu filho, hoje, tem 10 anos e já edita vídeo, imagina como ele vai estar editando quando estiver com 17 anos.", finaliza Anderson Jorge.

“Paraisópolis é um bairro muito bom, gosto muito daqui. Formei minha vida e estou aqui até hoje”

Juraci Rodrigues, morador da comunidade de Paraisópolis há mais de 60 anos

Era mato! Não tinha uma cidade, era uma fazenda. Tinha criação de boi, cavalo, carneiro, cabrito e muita criação de porco. E quem comandava isso aqui era um homem chamado Lucas Chaim , era dono do loteamento.

Nós éramos nove moradores aqui. Isso foi de 1961 para 1962. Em Paraisópolis não tinha condução, eu fui muitas vezes para Pinheiros a pé, porque não tinha transporte aqui. O primeiro ônibus que começou a vir, passava ali no campo do São Paulo (estádio), subia para Vila Nossa, no ônibus da CMTC, isso há anos.

Aí começou a vir gente e as pessoas começaram a fazer os barraquinhos. Veio muita gente de Pernambuco, Ceará, Bahia, Sergipe. Foram vindo e fazendo suas casas, e virou essa cidade que vocês podem ver hoje.

As maiores mudanças foram abrir as ruas e asfaltar, e aí foi indo e virando a Paraisópolis que é hoje. Minha casa foi a primeira a ter luz e água, comprei o poste. Naquela época, quase não tinha casa, então você tinha que pagar para ter água, e eu paguei os canos.

Ali na frente da minha casa está o terminal do cano da Sabesp, que desce a rua, que era a antiga Santo Antônio, hoje Major José Marioto Ferreira. Por aqui tem muita lembrança, era uma fazenda com muita criação de gado, curral de tirar leite .

Subindo a rua tinha um homem chamado Dário, ele tinha vacas leiteiras e a minha segunda filha ia buscar leite e dizia: “Seu Dário, me dá cinco litros de leite!”. Ele tirava na hora e não me cobrava, me dava de presente, era amigo, muito meu amigo.



Foto: Juraci Rodrigues

Paraisópolis é um bairro muito bom, gosto muito daqui. Formei minha vida e estou aqui até hoje.







Fotos: Agência Cria Brasil



Memórias de Paraisópolis

Lançado em julho de 2015 pelo diretor de comunicação da Agência Cria Brasil, Joildo Santos, ‘Memórias de Paraisópolis’ visa criar um centro de memórias da comunidade, fazendo um recorte da história da segunda maior favela de São Paulo a partir de relatos dos moradores mais antigos.

TECNOLOGIA

Desafios e mudanças nas compras online

Por Felipe Gomes

Foto: Reprodução



No primeiro semestre deste ano, o crescimento do e-commerce no Brasil se superou, chegando à cifra dos R$ 53 bilhões.

O fato da pandemia ter mudado as práticas de consumo de todo o mercado não é novidade. O cenário caminha para o final da pandemia, ou ao menos um ambiente mais controlado, visto que a vacinação está avançada e as medidas restritivas passam por um momento de flexibilização. Como legado, a Covid-19 deixa uma mudança cultural no comportamento dos consumidores.

No primeiro semestre deste ano, o crescimento do e-commerce no Brasil se superou, chegando à cifra dos R$ 53 bilhões, de acordo com a Ebit|Nielsen. As compras online são uma via de mão dupla. Ao passo que é necessário criar a cultura das compras virtuais numa diversidade maior de público e tipo de produto, as empresas também precisam se adaptar e colocar em prática plataformas funcionais e ágeis para atender à alta demanda. Aliás, um dos fatores da usabilidade é a ampliação do público consumidor – assim, nos últimos quase dois anos, quem antes não tinha esse hábito passou a ter.

Os 'nativos digitais' já viviam nesse contexto, mas pessoas de outras faixas etárias, que estavam acostumadas com o ponto de venda físico e com o pagamento em dinheiro, tiveram que se adaptar. A oferta na gama de entrega também cresceu. No lado das empresas, algumas categorias, como farmácia e petshop, já tinham sua parcela de adeptos, mas o segmento de calçados e roupas não era tão difundido, assim como o setor de compras de supermercado.

Segundo a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), os segmentos de alimentação por delivery e compras de supermercado pela internet foram as categorias com maior crescimento no número de consumidores em relação a 2019 e 2020. O food service passou de 30% para 55%, ao passo que as vendas de supermercado foram de 9% para 30%.

Vi alguns dados indicando que o percentual de consumidores com mais de 45 anos aumentou 27% de 2019 para cá – o que é esperado, já que o comércio ficou fechado ou com horário reduzido por muito tempo, e é sabido que pessoas idosas têm mais risco perante o coronavírus. É o crescimento de um terço desse público com mais de 45 anos, que geralmente tem menos intimidade com as compras virtuais.

Quando se fala em público mais velho, e com menos prática no e-commerce, uma categoria que se tornava um desafio era a de supermercados. Pense: tem outra pessoa escolhendo as frutas que você vai comer, avaliar se estão maduras ou não – nessa mudança de paradigma pode acontecer o choque de gerações. No entanto, essa fatia de mercado cresceu e deve se manter em crescimento no futuro.

Mesmo em um cenário de fim da pandemia, as entregas vão se manter aquecidas. As pessoas, seja qual for a faixa etária delas, se acostumaram a ter todo tipo de produto e serviço entregue em pouco tempo. A praticidade e a comodidade são alguns pequenos grandes luxos que irão permanecer. O foco estará voltado para a qualidade de vida, as pessoas vão querer aproveitar melhor o tempo e vão se preocupar menos se a dispensa em casa está cheia ou se falta algum produto, porque, se faltar, os produtos poderão ser entregues em minutos.

Canabidiol: do Tabu à cura

Com aprovação da Anvisa, Canabidiol (CBD) vem sendo usada para tratar doenças e patologias como autismo, Ansiedade e TDAH

Por Keli Gois

A Cannabis é uma das plantas com registro de domesticação mais antigas. É utilizada há mais de 10 mil anos em culturas ancestrais de forma medicinal, terapêutica e também na produção de tecidos e cordas. Proibida no Brasil desde a década de 30, a Cannabis voltou a ser pauta em janeiro de 2015, quando o canabidiol (CBD) saiu da lista de substâncias proibidas pela Anvisa e o uso como medicamento controlado foi autorizado. Desde então, a flexibilização tem avançado e permitido opções de tratamento para diversas doenças e condições de saúde como autismo, epilepsia, ansiedade, TDAH, entre outras, mas o tema ainda é motivo de tabu.

Em 2016, o debate voltou a ganhar fôlego, quando a Anvisa liberou a prescrição de produtos e medicamentos que contém tetrahidrocanabinol (THC) - principal substância psicoativa encontrada nas plantas do gênero Cannabis - que passou a ser regulamentado e permitido como base do produto, liberando a importação para pessoa física (para uso próprio para o tratamento de saúde e com receita médica). Segundo dados da Anvisa, desde que a substância foi liberada, a importação desses produtos aumentou 850 em 2015 e 33.793 em 2021. Atualmente, já são 68.775 permissões para 56.085 pacientes.

Foto: Reprodução



Segundo dados da Anvisa, desde que a substância foi liberada, a importação de produtos a base de Cannabis aumentou 850 em 2015 e 33.793 em 2021

A liberação foi a deixa que Eliezer Riera precisava para ajudar outras pessoas e atuar como terapeuta canábico. Usuário da Cannabis há mais de 20 anos, sofreu, durante toda sua infância com crises de ansiedade, irritabilidade e TDAH. Por falta de um diagnóstico claro, tomou remédios tarja preta, até ter que suspender a ingestão de qualquer medicamento por conta de uma alergia medicamentosa. "Com 9 anos, eu tinha taxas de estresse no sangue de um adulto de 40 anos. Eu era uma criança muito nervosa, brigava muito na escola, tinha processos de auto agressividade, e as alopatias só me trouxeram muitos malefícios. Os médicos nunca descobriram um tratamento que fosse efetivo no meu caso. ", explica.

Aos 40 anos e à frente da Associação Canábica Livre Medicinal (Acalme), que ajuda mais de 500 famílias a ter acesso ao óleo de canabidiol no controle de patologias, conta que possui uma relação de antes e depois com a Cannabis e que, se quando jovem, tivesse todas as informações que tem hoje, teria feito o uso de forma diferente, já com o viés terapêutico. "Eu vejo a Cannabis como um remédio. Então eu passo a entender o meu processo fitoterápico e usar de maneira consciente", explica.

Associações são uma saída para que pais e famílias tenham acesso aos medicamentos

Diante da demanda e pedidos de ajuda vindos de diferentes partes, Eliezer buscou respaldo médico e jurídico e entrou em processo associativo. No início do ano, entrou na justiça para avisar que estava desobedecendo a lei há dois anos para então conseguir uma liminar e as autorizações, como algumas associações já conseguiram. "Quando a pessoa se associa, ele acaba assinando uma desobediência civil junto a gente faz o que o estado poderia estar fazendo. Então hoje se a justiça vier até o nosso cultivo, eles não têm como prender 500 famílias", explica, ao falar sobre a desobediência civil baseada no "Estado de Necessidade de Preservação da Vida", quando a pessoa assume estar desobedecendo a lei pelo direito à vida.

Hoje, existem cerca de 40 associações já constituídas em todo o Brasil, segundo a Federação das Associações de Cannabis Terapêutica (Fact) e mais de 20 mil pacientes recebem extratos à base de Cannabis. E a importância das associações está em tornar esse acesso mais democrático. O número de pedidos de custeio do estado ainda é baixíssimo e, por conta dos custos, as associações vêm abrindo esse caminho de acesso aos medicinais. "Se hoje existe um número de pacientes fazendo uso, é por meio das associações. É uma luta muito grande, por isso, temos que fortalecer quem está fazendo aqui dentro, porque a gente acredita na auto sustentabilidade", destaca Eliezer.

Futuro da Cannabis no Brasil

Atualmente, 11 produtos são aprovados pela Anvisa para serem comercializados em farmácias, mas o cultivo da planta em casa para fins medicinais ainda é proibido. A maconha amplia o rol de tratamentos para doenças como esclerose múltipla, depressão e fibromialgia, mas o tema ainda enfrenta resistências.

O projeto de lei 399/2015 quer alterar a legislação em vigor para regulamentar o plantio de maconha para fins medicinais, veterinários, científicos e industriais, da Cannabis Sativa (planta que também é utilizada para produzir a maconha) e tornar viável a venda com medicamentos com extratos, substratos ou partes da planta, exceto sobre o uso recreativo.



VOCÊ PENSA A GENTE CRIA!

Divulgue seu negócio com a agência Cria Brasil e deixe que as pessoas te conheçam.

@criabrasilcomunicacao Cria Brasil (11)97723.4537

A disputa pela nossa atenção

Por Adriana Teixeira

Há três meses, iniciamos nossa pesquisa de campo em Paraisópolis. Desde novembro do ano passado, entrevistamos moradores do bairro sobre o espalhamento e a força de convencimento das fake news durante o período da pandemia de covid-19. Nosso objetivo é coletar dados para compreender como a comunidade enfrentou a desinformação na tomada de decisões imprescindíveis para a preservação da vida de seus habitantes. Formamos um grupo de pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com alunos dos cursos de graduação de Multimeios, Gabriela Pedreira e William Moussa, da graduação de Psicologia, Júlia Piquet e Lucas Rubini, e coordenação do professor Rogério da Costa, da pós-graduação em Comunicação e Semiótica. A investigação é parte da minha pesquisa de doutorado, que teve início no mestrado – com a leitura das fake news durante a vacinação contra a febre amarela.

Por que elegemos Paraisópolis para nosso objeto de estudo? Atraiu a atenção dos pesquisadores o sistema de organização da comunidade para o enfrentamento do contágio pelo coronavírus, especialmente a constituição de importante linha de frente composta por moradores que assumiram cargos de "presidentes de rua" e desempenharam tarefas fundamentais para o monitoramento da saúde de seus vizinhos. Entendemos que a preservação da vida, no contexto da pandemia, exigiu de Paraisópolis a adoção de comunicação assertiva e de meios específicos para resistir à desinformação sobre a covid-19.



Foto: Reprodução

O levantamento das informações em Paraisópolis ainda está no início, mas já nos deparamos com reflexões instigantes sobre as causas e consequências da disseminação de fake news nas redes digitais (e fora delas). Durante entrevista sobre a força de convencimento das notícias falsas, um jovem morador demonstrou preocupação com a incômoda sensação de aceleração do tempo, aparentemente provocada pelas plataformas digitais e pelos aplicativos de troca de mensagens. A explanação do entrevistado foi exemplificada com o recurso do WhatsApp, que permite acelerar a velocidade de execução do áudio. Igualmente, o recurso está disponível para vídeos e podcasts. Na opinião dele, o mecanismo de funcionamento destas plataformas está baseado na velocidade: enquanto interagimos com as redes de socialização, somos frequentemente convocados a circular, imediatamente, por vários lugares de desinformação. Esta rapidez com que tudo se passa diante dos nossos olhos nos torna consumidores distraídos de fake news. Não há pausa para o questionamento.

Nossa atenção é constantemente disputada durante a imersão em ambiente digital. As interações e o comportamento do indivíduo nas plataformas (Facebook, Instagram, Twitter, YouTube, Spotify e Google, entre outros) atendem, na maioria dos casos, a interesses econômicos. Curtidas, comentários, compartilhamentos de conteúdo, inscrições em canais, participação de grupos valem ouro. O sistema não é estático e depende de nós, além dos robôs, para se manter em funcionamento e gerar lucros para as empresas de tecnologia. Desta engrenagem participam, ativamente as fake news, geradas também com interesses econômicos. Elas ocupam simultaneamente várias plataformas, sob diversos formatos (imagem, áudio, vídeo e texto), fazendo uso da possibilidade de articulação e integração entre as redes digitais. Mensagem falsa no WhatsApp, por exemplo, pode levar o indivíduo a acessar link que o direcionará para vídeo, igualmente falso, no YouTube ou no Facebook. Neste ambiente, o sistema de recomendação da plataforma, controlado por tecnologia de inteligência artificial, pode, facilmente, aprisionar o indivíduo numa série de vídeos igualmente falsos ou enganosos, com grande oferta de publicidade.

Somos controlados para permanecer o maior tempo possível on-line. Enquanto navegamos na internet, as empresas captam e armazenam informações valiosas sobre nosso comportamento. Sistemas mais complexos têm a capacidade de fazer a leitura das nossas emoções, diante de determinados temas, quando interagimos com grupos. Este recurso permite identificar, com mais detalhamento, determinados perfis. A quantidade de dados captados e combinados possibilita aos gigantes digitais recomendar conteúdos e publicidade cada vez mais alinhados com nossa preferência e expectativa. A desinformação segue exatamente o mesmo percurso. É preciso quebrar este círculo vicioso.

Adriana Teixeira
É jornalista, pesquisadora, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Atuou como repórter e editora, por 20 anos, nos jornais Diário Popular, Diário de S.Paulo e Brasil Econômico. Também realiza palestras sobre seu principal objeto de pesquisa: desinformação científica.



DIREITO

Os danos à educação das crianças pobres durante a pandemia do novo coronavírus

Por Antonio Ananias


Foto: Reprodução

Maioria dos prejudicados pertencem às classes sociais economicamente desfavorecidas, isto é, aquelas que dependem do bom funcionamento do poder público para ter assegurada sua dignidade e o bem-estar social.

É de conhecimento público que a pandemia do novo coronavírus atingiu todas as camadas sociais (ricos e pobres perderam pessoas queridas para o vírus), mas foram os trabalhadores e as pessoas em situações de vulnerabilidade as que sofreram maiores prejuízos aos seus direitos individuais e sociais, tais como o direito à alimentação integral, à moradia e à educação, assim como ocorreu também em relação à maioria dos óbitos.

Mesmo contra a vontade do presidente da república, sabemos que as necessidades de saúde estão sendo bem atendidas pelo sistema único de saúde (o SUS), e isso é um alívio, porém outros direitos fundamentais, a exemplo da educação, e que dependem do bom funcionamento dos serviços públicos, foram totalmente interrompidos indevidamente, causando prejuízos irreparáveis às famílias pobres.

É estarrecedor ler as inúmeras manchetes dos portais de notícias que revelam o tamanho dos prejuízos àqueles que são chamados de "o futuro do Brasil" (as crianças). Mas reparem lá, que quase 100% das pessoas prejudicadas pertencem às classes sociais economicamente desfavorecidas, isto é, aquelas que dependem do bom funcionamento do poder público para ter assegurada sua dignidade e alcançar o bem-estar social.

Nenhuma justificativa será capaz de retirar a responsabilidade do Estado brasileiro pelos enormes danos causados à educação e ao desenvolvimento integral das crianças que foram "banidas" do sistema educacional. Isso porque é sabido que lidar com o vírus, propriamente dito, é uma tarefa bem mais complexa do que destinar os recursos públicos para manter uma estrutura eficiente de prestação do serviço de educação, como fizeram os países ricos.

Não se pode também alegar a falta de recursos públicos, ou que estes estão escassos, pois sabendo que os brasileiros mais pobres são os que proporcionalmente pagam mais tributos (impostos, taxas e contribuições sociais), fica evidente que a falta de vontade política foi o motivo principal da omissão em destinar os recursos para compra de computadores, fornecimento de internet e de instalação de um sistema virtual eficiente de funcionamento das aulas.

Sabendo que os prejuízos são grandes, resta às famílias prejudicadas questionar e provocar o Ministério Público e a Defensoria Pública para que estas instituições tomem as medidas judiciais e administrativas a exigir a adequação da estrutura educacional, bem como exigir as devidas reparações morais e materiais.

Antonio Ananias
Advogado e sócio-fundador do escritório ananias.adv.br, Antonio exerce ainda alguns trabalhos voluntários em Paraisópolis.



Dez empregos que surgirão até 2030 com o Metaverso

O impacto do Metaverso no mundo do trabalho e na área de Aprendizagem Corporativa

Por Tatiany Melecchi

Desde que o Facebook anunciou o investimento estrondoso nesta tecnologia, o que ocasionou a mudança do nome da empresa para META, o Metaverso se tornou "o grande hype do momento", as pessoas passaram a se interessar pelo assunto e a se questionar: "O que é?", "Como funciona?"

Depois da leitura de alguns artigos e entendimento mínimo do que se tratava, vieram outras inquietações: Como essa tecnologia irá impactar o mundo do trabalho? Como revolucionará a área de treinamento e desenvolvimento? Quais são as empresas que já estão liderando projetos de aprendizagem com foco nesta tecnologia?

Mas, antes de tentar responder estas perguntas e compartilhar as pesquisas e insights, vamos entender melhor o que tudo isso representa?

O que é esse tal de Metaverso?

"Metaverso" é uma junção do prefixo "meta" (que significa além) e "verso" (universo). O termo é normalmente usado para descrever uma espécie de mundo alternativo digital. Um mundo onde os usuários poderão criar seus próprios avatares, que serão suas representações nesse ambiente digital e, por meio deles, poderão aprender, comprar, trabalhar, socializar e se conectar com colegas de trabalho, amigos e familiares. Ou seja, essa tecnologia replica o que fazemos no mundo real, só que de forma 100% digital.

E qual o impacto do Metaverso para o mundo do Trabalho?

Faço um convite para você usar a sua imaginação. Feche os olhos e visualize-se usando um óculos de realidade virtual. Com seu próprio avatar, você começa a interagir com todo o ambiente corporativo da sua empresa: anda pelos corredores, cruza com os colegas quando vai tomar água, tira dúvidas e troca ideias nos corredores, pausa para um cafezinho ou conversa com outros colegas no almoço, tudo isso de forma virtual. Ou imagine outro cenário: você está na sua casa, usando seu óculos de realidade virtual e participando de feiras, eventos ou entrevistas de emprego dentro do Metaverso, onde praticamente todo o processo seletivo acaba acontecendo via realidade aumentada.

E aí, qual o seu sentimento?

Você pode estar sentindo um certo fascínio, curiosidade e vontade de vivenciar tudo isso logo, ou quem sabe sentindo algum tipo de insegurança sobre o futuro do seu trabalho e da sua profissão. Todos esses sentimentos e outros são completamente normais e esperados, pois o Metaverso propõe mudanças significativas e pode representar ameaças às nossas necessidades básicas como segurança, estabilidade e pertencimento.

Por outro lado, os especialistas comentam que essa tecnologia visa recriar o ambiente presencial no digital e proporcionar uma experiência de maior proximidade relacional, na qual o trabalho virtual será menos solitário e com relacionamentos mais espontâneos e naturais.

Como o Metaverso irá impactar a aprendizagem corporativa?

Durante a pandemia, vimos muitas empresas criarem seus estúdios para gravação de minivídeos, lives e afins. Atualmente, já temos algumas empresas criando espaços de aprendizagem imersivos, nos quais os participantes e instrutores interagem uns com os outros com os seus avatares, navegando em simuladores de desempenho hiper-realistas por meio de headsets de realidade virtual, telefones, iPads e PCs com RV (realidade virtual), onde eles aprendem uns com os outros em simulações práticas.

Além disso, os profissionais da área comercial terão a possibilidade de percorrer o universo digital e aprender sobre seus produtos, fazer simulações de controle de objeção, interagir com os clientes, treinar abordagens, compartilhar os benefícios dos produtos, apresentar soluções e recursos adicionais sem custos de deslocamento e de forma realista.

O uso crescente dessas tecnologias vai exigir muita adaptação e resiliência dos profissionais e das empresas, além de demandar uma série de novos conhecimentos, habilidades, condutas e dinâmicas sociais nos próximos anos. E nós profissionais de T&D, temos de estar na vanguarda desta nova maneira de aprender, trabalhar e interagir.

A Cult publicou um artigo com as novas profissões que já estão surgindo e irão ganhar espaço com o Metaverso, que existirão até 2030:

=Cientista de pesquisa do Metaverso
=Estrategista de Metaverso
=Desenvolvedor de ecossistemas
=Gerente de segurança do Metaverso
=Construtor de hardware do Metaverso
=Storyteller do Metaverso
=Construtor de mundos
=Especialista em bloqueio de anúncios

O Facebook Brasil, inclusive, anunciou seis vagas para trabalhar com Metaverso, ou seja, essa profissão já é uma realidade.



Tatiany Melecchi
É mestre em Marketing pela Massey University, Nova Zelândia, a primeira brasileira certificada como Professional in Talent Development pela ATD, nos EUA, Coach ACC pela ICF pela International Coach Federation e Facilitadora Internacional Certificada pela LTEN, nos EUA e facilitadora Internacional certificada em Neurociência da Gestão da Mudança pela 7th Mind, Inc nos EUA.

COMUNIDADE

A revolução periférica

Por Gideão Idelfonso

A revolução que nasce na periferia me faz lembrar a sátira do autor inglês George Orwell, no seu livro A revolução dos Bichos, em que um grupo de animais decide se rebelar contra um fazendeiro. O favelado também se rebela, mas contra a clara insatisfação sentida na pele. A queima da estátua do Borba Gato, em julho de 2021, pode simbolizar esse descontentamento histórico e o desejo de estar no comando e deixar de ser comandado.

Ao ver aquele ato, que naturalmente se tornou simbólico pelo fogo orquestrado e minado pelas discussões políticas opostas e prisão de dois integrantes do movimento na época, alguns questionamentos surgem: o que é uma revolução ou quem é Borba Gato? Uma revolução pode ser entendida como um rompimento brusco do estado das coisas, construindo uma nova, mesmo que a mudança política e a violência sejam acompanhadas desse processo. A queima da estátua do Borba Gato não foi uma revolução, que para muitos é uma utopia, mas podemos dizer que foi uma faísca revolucionária.

A estátua de Borba Gato, além de ser horrorosa é controversa e evidencia pelo ato, além da discussão sobre ela, o incômodo na barriga de um periférico e que queima devido à exploração do trabalho, manipulação, repressão estatal, violência como recurso, entre tantas outras coisas rotineiras. Os favelados começaram a entender que duvidar e questionar de sua situação faz parte da condição humana, e que se libertar dos grilhões da pobreza e seus efeitos colaterais podem ser realizados. A revolução de pensamento, cutucar para o debate, sendo o objetivo não perpetuar o passado, e sim se libertar através da arte, música, economia, política ou na rua.

A sociedade civil se organiza e o primeiro passo sempre deve ser contar sua história. Uma sociedade que não quer aprender com seu passado está condenada. Segundo Bonduki, para o Jornal da USP: "Essas estátuas homenageiam homens que efetivamente participaram do massacre da população indígena brasileira. Não basta suprimir, nós precisamos fazer um debate educacional e cultural para colocar os bandeirantes no seu devido lugar e fazer uma revisão dessa história" e sugere a criação de um novo monumento no lugar de Borba Gato como em homenagem ao povo guarani, caminhos que façam compreender melhor todo o papel da história.

Foto: Lucas Porto



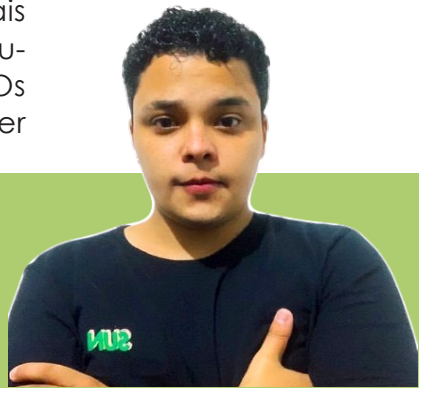
A queima da estátua do Borba Gato não foi uma revolução, que para muitos é uma utopia, mas podemos dizer que foi uma faísca revolucionária.

O Borba Gato foi sim um bandeirante paulista, fez expedições em busca de ouro e mão de obra escrava para suas andanças. Se tivesse que usar qualquer forma de violência para conseguir o que queria, assim o fazia, vale ressaltar que era na época da coroa, um fugitivo. O fato interessante é que alguns defensores da criminalização do ato em São Paulo são descendentes diretos dos antigos bandeirantes e são esses em seus altos cargos, que definem normas e valores comuns que regulam o comportamento de um favelado.

As agendas dos que vivem em palácios não são as mesmas dos que vivem em favelas, e não é provável que isso vá mudar no século XXI. A agenda dos favelados deve ser escrita pelos próprios, considerando sim a transformação do arcabouço social e mais transformação estrutural da esfera política. Os tiranos sobem ao poder com o apoio da plebe ou dos pobres, e o periférico deveria subir ao poder com o mesmo apoio e são pontos que deveriam ser considerados.

A revolução na periferia passa pela ruptura de pensamento, busca de novos horizontes, caminhos, e sentir-se responsável pela mudança dentro de um entendimento político que a favela não homogênea é mais plural do que muitos imaginam.

Gideão Idelfonso
Cria de Paraisópolis, bacharel em Lazer e Turismo pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Pesquisador com foco na periferia e sua dialética com o Lazer e Turismo. Teve contato com projetos de impacto social em Paraisópolis e em áreas da Zona Leste.



Descarte inadequado de óleo chega a 700 milhões de litros lançados no meio ambiente por ano

Devido ao descarte incorreto do óleo de cozinha, as empresas de saneamento básico não conseguem obter um bom funcionamento das estações de tratamento

Por Talytha Cardoso

Aquele cheirinho de batata frita no ar é tudo de bom, afinal, batatinha frita no óleo fica mais saborosa de fato. Mas, e depois, o que fazer com todo aquele óleo da fritura? Aí você logo pensa em jogar no ralo ou fazer aquele sabão caseiro para dar brilho nas panelas. Mas seria mesmo a forma adequada de fazer o reaproveitamento do óleo?

Apesar das empresas de saneamento fazerem o tratamento da água de esgoto, o óleo, mesmo sendo líquido ao se misturar com a água, se torna sólido, gerando assim mais trabalho para fazer a separação dos dois componentes, fazendo com que as empresas não consigam trabalhar de forma eficiente no tratamento dos resíduos. Sem falar que o óleo quando misturado com a água, se solidifica e forma camadas de gorduras obstruindo a passagem da água e causando entupimento nos canos.

Segundo a Abiove (Associação Brasileira das Indústrias e Óleos Vegetais), no Brasil, o consumo chega em média 3 bilhões de litros ao ano e, em média a cada quatro litros consumidos, um seja descartado de forma incorreta, representando 700 milhões de litros lançados ao meio ambiente sem o devido cuidado ao ano. No final, somos nós e todo o meio ambiente, principalmente os animais marinhos que sofrem com os impactos negativos desses descartes irregulares.

Foto: Reprodução



A cada quatro litros de óleo consumidos, um é descartado de forma incorreta, representando 700 milhões de litros lançados ao meio ambiente sem o devido cuidado.

É possível fazer o descarte correto, separando os resíduos em garrafas pets bem higienizadas, antes de escoar todo o óleo daquele almoço de domingo. Observando os impactos no meio ambiente e como a vida pode ser prejudicada devido a falta de descarte correto, há empresas que já disponibilizam pontos de coleta.

Cultive o hábito de fazer a reciclagem adequada do óleo usado, busque saber quais são os pontos mais próximos de coleta da sua casa, ajudando assim o meio ambiente. Se cada um fizer sua parte, todos ganham.

